

Estudo epidemiológico sobre Leishmaniose Visceral no estado do Tocantins em 2013 e 2014 em relação ao Brasil

Letícia C. C. Rodrigues¹; Flávio A. de P. Milagres²; Julliany M. S. Nascimento¹; Lázaro A. Braga Júnior¹; Lucas A. Oliveira¹; Lorena R. Medeiros¹.

¹Graduação em Medicina. Universidade Federal do Tocantins (UFT), 77001-090, Palmas, TO, Brasil. Email: lele.ccr@hotmail.com. ²Professor da Graduação em Medicina. Universidade Federal do Tocantins (UFT), 77001-090, Palmas, TO, Brasil Email: flaviomilagres@uft.edu.br.

A leishmaniose visceral é uma zoonose emergente com ampla distribuição em países de clima tropical e subtropical. Enfermidade generalizada crônica caracterizada por febre irregular e de longa duração, hepatoesplenomegalia, linfadenopatia, anemia com leucopenia, hipergamaglobulinemia e hipoalbuminemia, emagrecimento, edema, estado de debilidade progressivo, levando à caquexia e ao óbito. No Brasil, apresenta grande relevância na saúde coletiva, com elevadas taxas de incidência e de letalidade. A pesquisa teve como objetivo estudar os aspectos epidemiológicos relacionados aos óbitos e casos registrados por leishmaniose visceral no estado do Tocantins. Utilizou-se o método epidemiológico descritivo e os dados foram obtidos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde. O estudo compreendeu um período de dois anos (2013 e 2014) e as variáveis estudadas foram: taxa de letalidade, casos confirmados e coeficiente de incidência por 100.000 habitantes. Foram registrados 267 casos confirmados no ano de 2013 e 162 em 2014, que corresponderam a 8,2% e 4,69% respectivamente em relação ao total de casos no Brasil. O coeficiente de incidência no estado foi 18,1 em 2013 e 10,8 em 2014, correspondendo ao maior coeficiente em relação a todos estados da federação, sendo que o coeficiente de incidência do Brasil foi 1,6 e 1,7 respectivamente. Em relação à letalidade observou-se uma taxa menor que a do país, sendo que no primeiro ano foi 5,8 e no ano consecutivo 5,4, enquanto no Brasil foi 6,7 e 6,6. Como a taxa de letalidade é um pouco menor que a do país, isso mostra que o serviço de saúde já possui um conhecimento sobre a enfermidade e o tratamento adequado. O estudo mostrou uma incidência elevada em relação à população o que merece atenção do governo para diminuir essa taxa, principalmente com medidas de prevenção do mosquito e controle de animais com a enfermidade.

Palavras-chave: leishmaniose, epidemiologia, zoonose.